

Chegou o momento de construir*

— Ensaio geral para discursos políticos

*A relação da juventude com a política, no geral, e a relação de cada aluno com a política, em particular, foram os motes do primeiro registo em Design de Comunicação V. Como reação à leitura de “Os jovens estão a desistir da política, e a política parece prescindir deles” (Paulo Pena, Público, 31.1.16), cada aluno construiu a sua resposta às perguntas:

- Porque desistem os jovens da política?
- Porque desistiu a política dos jovens?
- E eu, desisti da política?

A partir da sua própria experiência e posição pessoal, devidamente informada pelos argumentos, obras e autores que considerasse úteis, cada aluno expôs as suas respostas através de uma apresentação oral e de uma apresentação impressa. Partimos da noção de retórica e das suas componentes discursivas (Dispositio, Elocutio, Memória, Ação e Prolepse) para chegar a uma formalização exploratória do discurso (afim ao modelo artístico da lecture-performance) e testar o potencial, objetivos e princípios da oratória política.

Labirinto político

Marta Vaz do Carmo

¹ Fernando Pessoa (1934), “O Encoberto” in *Mensagem*, Cruz Quebrada: O cina do Livro, 2016

“Quando virás, ó Encoberto,
Sonho das eras português,
Tornar-me mais que o sopro incerto
De um grande anseio que Deus fez?” ¹

O político

Spiderman, Captain America, Iron Man, Hercules, X-Man, Thor...

O que é que estes seis filmes têm em comum? Heróis. Todos eles têm heróis. Alguém chegou-se à frente e decidiu: “Tu és o escolhido. Existe uma profecia. Tens de salvar o mundo”. E, a partir desse momento, os tais heróis partem em missão (sempre acompanhados pelos seus compinchas). Acontece que na política não existem heróis, mas sim líderes. É um perigo quando estes conceitos se confundem, uma vez que se transmitem mensagens erradas sobre o que é o conceito de liderança. Não acredito em heróis, tal como não acredito na perfeição, nem no regresso de um D. Sebastião. Mas acredito em líderes. Líderes capazes de representar um grupo sem sobrepor os seus ideais e interesses aos objetivos do plural — a tal felicidade coletiva da *polis*, à qual Aristóteles designou por política. Mais, líderes que não se limitem a representar o grupo, mas sim a motivar a sua participação conjunta. Líderes a um mesmo nível. E aí sim, já consigo ver algum esforço heroico. Um esforço heroico é um esforço coletivo, imperfeito; não é propriamente deslumbrante; e não começa de repente e termina de repente. É um processo contínuo. E acima de tudo, voluntário.

Os partidos políticos

Os partidos políticos podiam e deviam-se constituir enquanto um dos pontos de entrada basilares para que as pessoas se envolvam em política. |Mas não. Apresentam-se como grupos fechados, pouco apelativos, reféns de pesquisas de mercado, sondagens e grupos-alvo em prol da angariação de novos votantes para o clube. E depois ainda há outro problema. Em época de campanha eleitoral, quando lhes dão tempo de antena, perdem mais tempo em rivalidades e ataques ao adversário do que a apresentar propostas a debater.

² George Orwell (1954), “Politics and the English Language” in *A Collection of Essays*, Nova Iorque, Doubleday (trad. livre)

A linguagem política

“A linguagem política destina-se a fazer com que a mentira soe como verdade, e o crime se torne respeitável, bem como a imprimir ao vento uma aparência de solidez.”²

O sistema político, em particular a legislação, precisa de se aproximar da linguagem comum. Já uma colega minha dizia: “a política para mim é chinês”. As leis são as regras escritas – portanto, as mais fiáveis – do jogo social. Nenhum jogador quer jogar um jogo cujas regras não conhece ou não entende, porque sabe que certamente perderá. E aí o que é que se faz? Desiste-se. As leis em Portugal são com demasiada frequência mal redigidas, ou redigidas de modo confuso, e fazem uso de linguagem complexa e técnica cujo entendimento pleno se restringe a determinados grupos sociais ou profissionais. Desde a palavra, aos gestos, às expressões faciais, à forma como os partidos políticos se apresentam em público...Tudo comunica.

A comunicação social

“Há uma construção de negatividade nos *media* que tem o objetivo de negar a política e fazer o jovem não gostar de política. Eles negam o Estado. E o jovem acaba achando que todos são iguais, que nada funciona, e vira rebelde por ser rebelde.”³

³ Lula da Silva (2015), debate na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Os órgãos de comunicação social têm um papel importante no desenvolvimento da nossa relação com a política, uma vez que são os responsáveis por fazer a mediação entre os políticos e os cidadãos. Mas quando falam de assuntos políticos importantes, fazem-no de uma forma que desencoraja o envolvimento. Em 2012, a Hansard Society, uma organização de caridade britânica que procura reforçar a democracia parlamentar e encorajar uma maior participação do público na política, publicou, na sua auditoria anual sobre empenho político, uma secção adicional totalmente dedicada à política e aos *media*. Eis algumas das observações um tanto desanimadoras dessa auditoria. Segundo parece, os tabloides não estimulam a cidadania política dos seus leitores, mesmo em comparação com os que não leem jornais. Os que só leem tabloides são duas vezes mais propensos a concordar com uma visão negativa da política do que aqueles que não leem jornais. Não são apenas menos empenhados politicamente; consomem *media* que reforça a sua opinião negativa sobre a política, contribuindo assim para uma atitude fatalista e cínica em relação à democracia e à sua participação nela. Não admira que o relatório concluisse que, neste aspeto, a imprensa, em especial os tabloides, não parecem estar à altura da importância do seu papel na nossa democracia.

Os jovens desistiram da política?

Ou a política desistiu dos jovens?

Quem nasceu primeiro? O ovo ou a galinha? A verdade é que para haver participação tem de haver interesse de ambas as partes.

Porque é que os jovens desistiram da política?

“Em termos globais, os jovens participam menos na política, não por desinteresse, mas porque o seu grau de implicação na *polis* é menor do que o de alguém que esteja totalmente integrado na sociedade, quer no mercado de trabalho, na vida familiar ou no pagamento de impostos.”⁴

⁴ André Freire, entrevistado em “Uma geração (des)interessada pela política nacional” (Teresa Camarão, *Público*, 5.1.14)

“Os jovens não estão desinteressados. Não se revêm nas formas e nos mecanismos convencionais de fazer política em Portugal, com os partidos e com os políticos.”⁵

⁵ Paulo Pena, entrevistado em “Uma geração (des)interessada pela política nacional” (Teresa Camarão, *Público*, 5.1.14)

E a política, porque desistiu dos jovens?

Um candidato quando apela ao voto dirige-se para o público votante. Se se parte do princípio que os jovens não votam, estes ficam logo fora da equação. A luta contra a abstenção dos jovens é um processo complexo que pode não ter um impacto expressivo no imediato; e não deve ser pensada como uma estratégia para angariar mais votos, mas sim como um projeto a longo prazo capaz de introduzir os jovens na política.

E eu, desisti?

Eu estou aqui numa espécie de labirinto, a tentar desconstruir todos estes obstáculos que o sistema proporciona.